

## PROCURA-SE

Nilze Costa e Silva

Havia um silêncio sobre todas as palavras a serem ditas. Esperava muito mais abraços, um apagar de velas, um "parabéns pra você" entre vozes desafinadas. Ninguém falava, quase. Tardinha. Pouco mais a noite viria. O vento balançava as folhas dos mangueirais, de cujos galhos pendiam lâmpadas que logo mais seriam acesas. Sob a copa da mangueira mais frondosa estirava-se uma mesa comprida, forrada com uma toalha branca e bordada, que parecia de linho branco. Mas era de plástico, logo notei ao me aproximar melhor. O plástico tira a pureza das coisas, a beleza, a ternura. Pelo menos as flores, que enfeitavam a mesa, eram naturais, ajustando-se ao ambiente bucólico onde nos encontrávamos. Contrariando o quadro, havia uma expressão sombria no rosto das pessoas, o que poluía a beleza da tarde-quase-noite. Os rostos, sim, eram tristemente de plástico.

O convite era para uma festa de aniversário. Sonhara eu? Iludira-me com as palavras baixinhas ditas dentro de um cinema? Talvez nem tivesse prestado muita atenção. "O Bebê de Rosemary" me tomava os olhos e ouvidos. Nunca conseguí namorar apaixonado num filme de Polanski. Mas qualquer coisa me soou ao ouvido como um convite do aniversário de um sobrinho. Sim, sim, claro. Nós iríamos. Uma dor terrível inundando a vida de Rosemary. O grito do bebê era horrível, demoníaco. À noite, eu sabia, iria ter pesadelos.

Dia seguinte o aniversário. Não lembra? Te falei no cinema... Distraía-me sempre, vivia com a cabeça nas nu-

vens. Lia tanto nos livros, nas pessoas e em mim e no entanto abstraía-me de cenas concretas, por demais terrenas.

Chegamos de ônibus, mãos dadas. Conversando, gesticulando. A casa ficava num sítio, num bairro afastado. Todos que se encontravam davam-se as mãos cerimoniosamente e logo sentavam-se ao redor da mesa. Os convidados eram na sua maioria homens. O sítio era grande, mas a casa era pobre. As pessoas tinham um aspecto sombrio, sorriso enrugado. A fumaça dos cigarros nublava o ambiente. Todos pareciam refletir antes de falar. Não, aquilo não seria um aniversário. Parecia mais uma missa campal. Havia porém o bolo simples no centro da mesa. Pratos e copos de papel ordinário eram dispostos ao longo da mesa, pela mulher de vestido curto de algodão.

Olhei para Jorge, meu companheiro, como a pedir-lhe explicação. Afinal o convite tinha partido dele. Limitou-se a apertar-me o braço e sorrir levemente. Os homens e as poucas mulheres, entre um silêncio e outro, trocavam frases banais. Pareciam esperar o começo de algum evento. O aniversário? Enquanto a noite caía, minhas pálpebras também ameaçavam despencar. Fiquei apreensiva. Como cochilar numa festa de aniversário? O certo é que comecei a bocejar. Minha curiosidade ia arrefecendo aos poucos, cedendo lugar a um sono incontrolável. Tinha tido insônia na noite anterior. Encostei a cabeça no ombro quente de Jorge e adormeci, não sei se por segundos ou minutos. Creio ter sonhado um pouco. Via-me ajoelhada numa igreja, vestida de domingo, um terço rolando entre os dedos. Nem tanto rezava. Muito mais refletia sobre os meus erros, meus pequeninos erros infantis, sem no entanto pensar em pedir perdão. Depois da missa, me via correndo na rua imensa, esquecida de todas as orações e de todos os pecados do mundo.

A noite desceu de vez e as luzes já estavam todas acesas. Ninguém sabia do aniversariante. Comecei a prestar atenção na conversa. Falava-se agora com mais fluência e o calor da discussão acentuava-se gradativamente. Os oradores revezavam-se e eram contestados ou aplaudidos com estalar de dedos. Falava-se da situação política do país, formavam-se grupos, armavam-se estratégias de lutas, como forma de enfrentar o sistema vigente. Senti-me um tanto alienada diante das discussões. Agora entendia o porquê do convite. Jorge era militante de uma facção clandestina e não ad-

mitia estar apaixonado por uma companheira que não fosse ativa e contestadora da situação caótica em que se encontrava o país àquela época. Por isso me convidara para aquele "aniversário". O bolo, os pratinhos e os copos com guaraná eram para disfarçar a reunião clandestina.

Ouvi todas as discussões. Eles tinham razão. Queriam me roubar dos meus livros, dos discos e escritos que não se comprometiam com a luta do povo. No entanto, saí da reunião triste e decepcionada com Jorge. Voltamos em silêncio e nos perdemos numa parada de ônibus.

Vi-o ainda uma vez mais e para sempre. A foto era nítida com um número trágico a enfeitar-lhe o peito. A barba continuava cerrada e muito negra como quando nos vimos pela última vez. Os olhos fitavam-me, fitavam-me longa e profundamente. Uns olhos parados, inquisidores. Uns olhos secos que afogaram os meus em lágrimas. Ao redor dele outros retratos penduravam-se no painel.

Para sua amiga Noemi Eliss

Comente hoje venho agradecer-lhe a alegria que você me proporcionou com a leitura de Nos Caminhos de Literatura. A falta de seu endereço impediu-me de escrever-lhe, mas era de meu desejo. Aproveito, por isso, a visita do meu querido poeta Arthur Eduardo Benevides para transmitir-lhe a minha desvaliosa, mas, como sempre, sincera impressão sobre o seu livro.

O hácido e preciso ensaio sobre Mário de Sá-Carneiro revela-me perdidamente apaixonado pela sua inteligência e pela sua sanabilidade. Você colocou o poeta na sua exata e necessária posição. Não se incluiu na unanimidade da crítica portuguesa, inclusive do mestre João Gaspar Simões, que, ao avaliar, como ponto de partida de uma interpretação, a circunstância de ter ele morrido a fraternal amizade de Fernando Pessoa. Esse fato, meramente episódico, tem validade para apontar, embora de maneira sutil, possível influência de Pessoa em toda a criação poética de Sá-Carneiro, mas não mais além. Se identidade existe é meramente ocasional. Diferença só fato de ambos pertencerem à mesma geração e ao mesmo grupo. Isso se observa, igualmente, com o caso de Andrade, como Oswald de Andrade, com Carlos Drummond de Andrade, todos do movimento modernista, mas não autênticos. A repetição fez-me lembrar o verso de Fernando Pessoa, que reconheceu de cor, não sei se exat-